

## CULTURA E EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA: ASPECTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICO-TEOLÓGICOS

Antônio Roberto Xavier<sup>1</sup>  
Eduardo Ferreira Chagas<sup>2</sup>  
Edilberto Cavalcante Reis<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este artigo objetiva ratificar epistemologicamente a desmistificação convencional sobre a Idade Média como sendo a “Idade das Trevas”. Para tanto, elencaram-se como categorias principais de análise a cultura e a educação nesse período histórico. Trata-se de uma pesquisa construída através de revisão de literatura em referenciais teóricos peculiares. Utilizou-se o método dedutivo, acompanhado de abordagem qualitativa. O artigo distribui-se em quatro tópicos. O primeiro faz uma exposição geral do texto. O segundo debate sobre os aspectos culturais e educacionais na Alta Idade Média. O terceiro discute acerca dos mesmos aspectos anteriores na Baixa Idade Média. Por fim, o quarto contempla alguns juízos de valor sobre todo o compósito textual. Os resultados demonstram que, em vez de um período de “trevas”, a Idade Média deve ser classificada como um período fértil nos aspectos culturais e educacionais, quando são fundados os sistemas escolares e universitários, legados que perduram até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Idade Medieval. Cultura. Educação.

## CULTURE AND EDUCATION IN THE MIDDLE AGES: HISTORICAL-PHILOSOPHICAL-THEOLOGICAL ASPECTS

310

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Políticas Públicas e Sociedade e em Planejamento em Políticas Públicas, ambas as formações pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), especialista em História e Sociologia pela Universidade Regional do Cariri (Urca) e graduado em História pela UECE e em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK). Membro titular do Conselho Superior Universitário (Consuni). Professor adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), lotado no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA). Professor permanente do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (Masts) e do Curso de Graduação em Administração Pública, ambos da Unilab. Líder do Grupo de Pesquisa Gestão de Políticas Sociais (GPS) da Unilab, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* <historiadoroberto@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Doutor, mestre e graduado em Filosofia pela *Universität von Kassel*, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Estadual do Ceará (UECE), respectivamente. Professor efetivo (associado) do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. Coordenador do Grupo de Estudos Marxistas (GEM), vinculado ao eixo Marxismo, Teoria Crítica e Filosofia da Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. Bolsista pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e orientador do Programa Jovens Talentos. *E-mail:* <ef.chagas@uol.com.br>.

<sup>3</sup> Doutor e Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), graduado em Filosofia pelo Instituto Teológico Pastoral do Ceará (ITEP). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará e professor de história eclesialística no curso de teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá. Tem experiência na área de História, com ênfase em História eclesialística (História da Igreja Católica), atuando principalmente nos seguintes temas: igreja e política, historiografia, cidade, biografia e diocese do Ceará e práticas religiosas populares. Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa Gestão de Políticas Sociais (GPS), da UNILAB-CNPq. *E-mail:* <ecreis1968@gmail.com>.

**ABSTRACT:**

This article aims to epistemologically ratify the conventional demystification of the Middle Ages as the “Dark Ages”. To this end, culture and education were listed as the main categories of analysis in this historical period. It is a research constructed through literature review in peculiar theoretical references. The deductive method was used, accompanied by a qualitative approach. The article is divided into four topics. The first makes a general exposition of the text. The second debate on cultural and educational aspects in the High Middle Ages. The third discusses the same aspects as in the Early Middle Ages. Finally, the fourth contemplates some judgments of value over all the textual composite. The results demonstrate that, instead of a period of “darkness”, the Middle Ages should be classified as a fertile period in cultural and educational aspects, when school and university systems are founded, legacies that continue to this day.

**Keywords:** Medieval Age. Culture. Education.

**Introdução**

A Idade Medieval, olhando a partir dos dias atuais, é sempre dividida em dois períodos: Alta Idade Média (do século V ao século X) e Baixa Idade Média (do século X ao século XV). Do ponto de vista historiográfico, considerando os fatos históricos demarcadores, o período medieval está compreendido entre a deposição do último imperador romano do Ocidente, Rômulo Augusto<sup>4</sup>, em 4 de setembro de 476 (século V depois de Cristo – d.C.), e a tomada da cidade de Constantinopla pelos turcos sob o comando do sultão Maomé II, em 29 de maio de 1453. Esse é o fato histórico que marca não só o fim da Idade Média como também o fim do outrora poderoso Império Romano do Oriente, com a morte de Constantino XI Paleólogo. Além do mais, esse acontecimento foi decisivo para a conquista e o domínio dos turcos otomanos das rotas comerciais do Mar Mediterrâneo oriental e dos Balcãs.

A Idade Média, ou Idade da Fé, também conhecida pejorativamente como “Idade das Trevas”, “Noite de Mil Anos”, “Espessa Noite Gótica”, comporta um extenso período de quase mil anos (476 a 1543 d.C.) de muita turbulência devido a vários acontecimentos no velho continente, a Europa. Dentre tantos fatos ocorridos, podemos citar: inúmeras invasões territoriais, guerras constantes, formação de vários reinos independentes, consolidação do sistema feudal com a economia baseada na agricultura, mão de obra servil com a relação de vassalagem entre servos e senhores,

<sup>4</sup> Romulus Augustus, em latim; ou depreciativamente, como também ficou conhecido: Rômulo Augústulo, “o pequeno”.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

ruralização geral do continente, pouco uso de moedas, escassos contatos comerciais externos, fusão da cultura romana com a germânica, teocentrismo e enfraquecimento da cultura laica, fortalecimento do cristianismo e crescimento do poder interventivo da igreja católica com exacerbação de poderes.

A consolidação da Idade Medieval estabeleceu, de forma bem definida, as áreas de domínio entre poder espiritual (o clero, representado pelo Papa) e poder temporal (a nobreza, representada pelo Rei): *auctoritas/potestas*, ou seja, a *auctoritas*, o Pontífice, pertence à mais alta dignidade; enquanto o Rei pertence à *potestas* (poder) temporal. Cada um é soberano em seu respectivo domínio: “[...] a autoridade do Papa em matéria religiosa e eclesiástica é absoluta; o poder do Rei sobre seus súditos também o é” (Châtelet et al., 2000, p. 31-32).

### **Alta Idade Média: aspectos culturais e educacionais**

A conquista do Império Romano do Ocidente pelos germânicos significou, em primeiro plano, a descentralização de poder. O extenso território romano, que antes formava um único grande Império, foi dividido em vários pequenos reinos, nos quais prevaleciam a autoridade do Papa, do Rei e dos Senhores Feudais e o trabalho da gleba serviçal, com a produção de subsistência retirada da terra como exclusiva fonte de renda. Nesse sentido, a Alta Idade Média é caracterizada pelo poder centralizado da Igreja Católica e do Rei, bem como pela agricultura, patriarcalismo, ruralismo, estatismo social e teocentrismo, sendo invertido esse estado categórico na Baixa Idade Média.

No âmbito cultural, o antigo Império Romano do Ocidente é dividido “[...] em três espaços culturais diferentes. Na Europa ocidental, formou-se uma cultura cristã de *língua latina*, cuja capital era Roma. Na Europa oriental, surgiu um núcleo cristão de *língua grega*, cuja capital era Bizâncio”; no Norte da África e no Oriente Médio, “[...] desenvolveu-se na Idade Média uma cultura muçulmana de *língua árabe*” (Gaarder, 2004, p. 191, grifo do autor). Vale a pena ressaltar que, no contexto da Idade Média, “[...] os árabes foram os líderes em ciências tais como a matemática, química, astronomia e medicina. Até hoje empregamos os algarismos arábicos [...]. Em alguns campos, a cultura árabe era mesmo superior à cristã” (Gaarder, 2004, p. 191).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Com efeito, a cultura greco-romana foi mantida em razão da Igreja Católica Primitiva, que vinha trabalhando desde as bases e ganhando espaço, principalmente desde que havia sido permitido seu credo, no século III d.C. Assim, a Igreja Católica foi a principal responsável pela manutenção do legado cultural greco-romano e por sua integração com a cultura dos conquistadores, os germânicos. Em consequência, a vida no século VI d.C. começa em ex-território romano ocidental da seguinte maneira:

No início do século VI, verificam-se fenômenos políticos significativos. De um lado, alguns reinos romano-bárbaros já se implantavam firmemente em territórios do Império do Ocidente, onde a única autoridade política autenticamente romana é a Igreja e especialmente o papado; de outro lado, o Império do Oriente conserva ainda a sua unidade e a sua força, o que lhe permitirá tentar a reconquista do Ocidente. Estes três centros de poder, tão diferentes entre si, se enfrentarão numa complexa luta ideológica e militar. (Manacorda, 2006, p. 111).

Devido à conquista do Império Romano Ocidental pelos germânicos em 476 d.C., duas consequências no âmbito cultural foram notórias: o declínio gradativo da escola clássica greco-romana e o tipo de formação da escola religiosa cristã dupla de escola episcopal: a escola do clero secular, nas cidades; e a escola do clero regular, cenobítica, nos campos. Salvaguardando raras exceções, a formação cultural em matéria de ensino-aprendizagem era muito diminuta tanto entre os romano-germânicos como entre os que compunham a igreja ou os representantes do antigo Império (Manacorda, 2006).

Porém, a Igreja Católica intensifica seu trabalho educativo junto à grande massa escrava e camponesa. Assim, começa uma nova fase educacional no âmbito de outro modo de produção, o feudalismo servil, em substituição ao modo de produção escravista praticado no Império Romano. Como acentua Manacorda (2006), as ações do clero secular e regular mudam os conteúdos de ensino, de modo que as bases conteudistas trabalhadas na cultura greco-romana clássica são gradativamente substituídas pelas bases religiosas bíblico-cristãs.

Antes de qualquer coisa, é racional esclarecer que o nome Idade Média ou Medieval foi usado pela primeira vez por Petrarca no século XIV, expressando “*medium tempus*” ou “*media tempora*”, como disse certa vez o professor de estudos medievais

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Jacques Le Goff (1999). O nome prosseguiu pela Renascimento, passando Iluminismo e chegando até nossos dias. É uma forma pejorativa ou depreciativa de se denominar esse longo período efervescente da história. Os iluministas, sobretudo Voltaire, referiam-se aos tempos medievais como um período brutal e absurdo no qual a Europa esteve mergulhada, como se fosse uma longa noite de mil anos de trevas. Le Goff (1999) até concorda que tenha sido uma longa noite, mas repleta de “estrelas resplandecentes”. O pensamento de que o contexto histórico denominado de medieval deve ser entendido apenas como um intervalo de mil anos sem sentido próprio que serviu apenas como um período de transição entre a Idade Antiga e a Moderna é extremamente refutado por Durkheim (1995, p. 37):

Nada mais inexato, porém, do que essa concepção da Idade Média e, portanto, nada mais impróprio do que a palavra com a qual essa época é designada. Muito longe de ter sido um simples período de transição, sem originalidade, entre duas civilizações originais e brilhantes, é, ao contrário, o momento em que se elaboraram os germes fecundos de uma civilização inteiramente nova. E isso nos é mostrado notadamente pela história do ensino e da pedagogia. A Escola, tal como a encontramos no início da Idade Média, constitui com efeito uma grande e importante novidade; distingue-se por traços cortados de tudo quanto os antigos chamavam com o mesmo nome. É claro, já o dissemos, que ela retira da civilização pagã a matéria do ensino; mas essa matéria foi elaborada de uma maneira totalmente nova, e dessa elaboração nasceu algo inteiramente novo. É o que acabo de mostrar. Mas pode ser dito que nesse momento é que apareceu a Escola, no sentido próprio do termo. Pois uma escola não é apenas um local onde o professor ensina; é um ser moral, um meio moral, impregnado de certas idéias [*sic*], de certos sentimentos, um meio que envolve tanto o professor quanto os alunos. Ora, a Antigüidade [*sic*] não conheceu nada semelhante. Teve professores, mas não teve Escolas de verdade. Na pedagogia, pois, a Idade Média foi inovadora.

Quando Durkheim fala que a Antiguidade “não teve escolas de verdade”, embora tenha tido professores, ele está se referindo à forma de ensino realizado. É que na Antiguidade cada matéria era ensinada por professores diferentes, e os alunos, geralmente, sobretudo os que não tinham certas condições materiais, dirigiam-se a diferentes casas para encontrar seus professores, recebendo o ensino a que se destinavam. Essa situação impedia um contato constante entre os alunos e os professores em um mesmo espaço. O que não ocorria nas escolas medievais, principalmente nos *convicts*, primeira forma de internato no ensino medieval. Essa era uma significativa inovação para a educação propriamente da Idade Média.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Não restam dúvidas de que as inovações da educação nesse novo período, chamado de medieval por nós do presente, foram inúmeras. Porém, iremos nos deter apenas às mais acentuadas. Em linhas gerais, depois da decadência do Império Romano do Ocidente, o que sobrou foi a Igreja Católica como instituição organizada. Quando os bárbaros<sup>5</sup> entraram de vez no Império Romano Ocidental, a única instituição que restava organizada e estruturada era a Igreja Católica.

Reiterando, as determinantes da educação foram continuadas pela Igreja, que impediu a destruição plena da cultura greco-romana. Os professores iniciais eram representantes do clero menor, que ensinavam as chamadas sete artes liberais, divididas em dois ciclos, o *trivium*: gramática, retórica e lógica; e o *quadrivium*: aritmética, geografia, astronomia e música. Essa espécie de composição curricular seria adotada, posteriormente, inclusive nas universidades. Essas universidades nasceriam das reuniões reivindicatórias denominadas de *universitas*, compostas por alunos e professores que reivindicavam autorização de ensino aos bispos e diretores das escolas eclesiais.

Com o tempo, nos séculos XII-XIII (já na Baixa Idade Média), nasceriam as universidades e/ou faculdades, com os cursos de Teologia, Direito, Medicina e Artes. As formas de ensino eram concentradas na leitura expositiva de textos e de argumentos de professores. No apogeu da Escolástica, no século XIII, aconteciam os debates públicos entre mestres e alunos, o que ficou conhecido como *scholastica disputatio* (Durkheim, 1995).

O desenvolvimento do cristianismo nesse período de cerca de mil anos (séculos V ao XV), dividido entre Alta (séculos V ao X) e Baixa (séculos XI ao XV) Idade Média, foi dotado de um novo ideal educacional. Esse ideal era baseado nas questões de fé, moral, amor e solidariedade para uma felicidade futura e além das coisas terrenas. Vale ressaltar que esse ideal já vinha sendo trabalhado pela Igreja Católica,

<sup>5</sup> O uso da palavra “bárbaro” como sendo invasor, incivilizado, ignorante, rude, inculto, bestial, desumano, referindo-se sobretudo aos povos germânicos que conquistaram o Império Romano do Ocidente em 476 d.C., não tem o mesmo sentido de como a palavra era empregada originalmente. O vocábulo era utilizado na Antiga Grécia para designar os componentes dos povos que não falavam o mesmo idioma dos gregos e que, portanto, eram de cultura menor. Etimologicamente era como se os povos que não eram de origem grega gaguejassem ao falar com um grego. Com o passar do tempo, a palavra foi convencionalizada para o latim “*barbarus*”, significando não grego, não romano. Mas uma das derivações latinas de *barbarus* é valoroso, corajoso, valente, etc.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

principalmente com seu público interno, durante a vigência do Império Romano. Porém, é preciso refletir sobre a conquista do Império Romano pelos germânicos (bárbaros) e sua aceitação da religião católica, que foi o grande elo de fusão cultural entre o encontro desses dois mundos. Nesse sentido, Durkheim (1995, p. 27) realizou as seguintes indagações:

Como puderam sociedades tão robustas, tão vigorosas, tão transbordantes de vitalidade, submeter-se com tanta espontaneidade a uma disciplina deprimente que as mandava, antes de tudo, conter-se, privar-se, renunciar-se? Como puderam esses apetites fogosos, impacientes com qualquer moderação e qualquer freio, acomodar-se com um doutrina que lhes recomendava, acima de tudo, comeder-se e limitar-se?

Há de se frisar também que o cristianismo foi a esperança real das grandes massas durante e depois do Império, pois se traduzia em forma concreta, em carne e osso, com Jesus, o Cristo. Os deuses ou semideuses da Grécia ou de Roma sempre foram promessas mitológicas. Jesus aparece e morre prometendo voltar e dar a felicidade a todos os seus seguidores com a vida eterna. É essa materialização da promessa que dará ao cristianismo a grande popularidade na península Itáliota, na Ibéria, na Gália e nas regiões adjacentes. Além disso, o cristianismo adotado pela Igreja Católica “[...] era, por excelência, a religião dos pequenos, dos modestos, dos pobres, material e espiritualmente pobres. Exaltava as virtudes da humildade [...]” (Durkheim, 1995, p. 27).

Por essas e tantas outras razões, os conquistadores assimilaram a doutrina cristã e a Igreja Católica foi a única instituição capaz e adequada para conduzi-los às novas diretrizes de crença e às novas formas de ensino secular, por isso:

Após a queda do Império, escolas romanas leigas e pagãs continuaram funcionando precariamente em algumas cidades, com o clássico programa das sete artes liberais. Quase não há documentos que comprovem a existência dessas escolas depois do século V, mas certos fatos nos levam a crer que ainda existiram por algum tempo. Por exemplo, como de início os bárbaros conservaram as características da organização administrativa do Império, o que exigia pessoal instruído, é de supor que necessitassem ser iniciados nas letras latinas [...]. Com a decadência da sociedade merovíngia, porém, essas escolas também teriam entrado em desagregação. Surgiram então as escolas cristãs, ao lado dos mosteiros e catedrais, e, como consequência [*sic*], os funcionários leigos do Estado passaram a ser substituídos por religiosos, os únicos que sabiam ler e escrever. (Aranha, 2006, p. 105-106).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Vale a pena ressaltar que, para a Igreja Católica, não havia outra saída a não ser abrir escolas para ensinar aos conquistadores, considerados pagãos, a se defender, a defender, sobretudo através da retórica, sua nova crença e a compreender os ensinamentos da religião cristã. Desse modo, a Igreja Católica providenciou a abertura de escolas aos recém-convertidos à religião cristã, nas quais eram submetidos a uma preparação para adequação à doutrina cristã antes de serem efetivados como membros da Igreja Católica. A eles era dada a identificação de catecúmenos, pois recebiam a referida preparação nas escolas inicialmente chamadas de catecumenatos, sendo, em seguida, tais instituições denominadas de escolas das catedrais, por estarem localizadas no terreno do edifício das catedrais (Piletti et al., 2007).

Os alunos eram, sobretudo, jovens que se preparavam ao sacerdócio; mas também eram recebidos simples leigos que não tinham decidido ainda abraçar o santo ofício. Os alunos viviam juntos em *convicts*, formas muito nova e muito particular de estabelecimentos escolares [...]. Mas o clero secular não foi o único a suscitar escolas. Logo que apareceu, o clero regular cumpriu o mesmo papel. A influência monacal não foi inferior à do episcopado. (Durkheim, 1995, p. 29-30).

No período considerado de Alta Idade Média (séculos V ao X), no âmbito da educação, desenvolveu-se o Monaquismo, organização de servos dedicados de Deus que faziam votos de fidelidade a levar uma vida altamente religiosa, cumprindo-a nos mínimos detalhes. Foram intensificadas as escolas nos bispados e nos mosteiros. “O estudo nos mosteiros ocupava um papel preponderante. São Bento (480-547), fundador da ordem dos beneditinos, determinou que cada religioso deveria ter sete horas por dia de trabalho, que poderia ser manual ou literário” (Piletti et al., 2007, p. 85).

Os mosteiros eram os principais centros de educação no início da Alta Idade Média e eram também centros de editoração para a multiplicação de material religioso-didático. Com relação à educação das mulheres, desde o século VI eram aceitas meninas de 6 e 7 anos de idade nos mosteiros para receberem educação religiosa e dedicarem-se exclusivamente à obra de Deus. Eram educadas principalmente por representantes da Ordem dos Beneditinos, que criaram não somente escolas para a educação das internas, mas para as que não eram religiosas. Nessas escolas, as mulheres aprendiam a ler, escrever, produzir arte e transcrever manuscritos.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------



Todavia, a grande maioria das mulheres camponesas não tinha acesso à escola, as quais ajudavam seus maridos, com eles crescendo e morrendo analfabetas de escolas formais. As mulheres nobres, por sua vez, recebiam ensinamentos de música, religião e artes em seus próprios castelos. Somente a partir da Baixa Idade Média, com o movimento comunal que emancipou as cidades, “As meninas de outros segmentos sociais, como as da burguesia, começaram a ter acesso à educação, apenas quando surgiram as escolas seculares, por ocasião da emancipação das cidades-livres” (Aranha, 2006, p. 111).

Além do mais, os mosteiros também serviam como bibliotecas, em que os monges ocupavam um longo tempo na interpretação e transcrição de um vasto material de manuscritos e traduções das obras da Antiguidade, principalmente greco-latinas. Com efeito:

Criar escolas não era a finalidade principal dos mosteiros, mas a atividade pedagógica tornou-se inevitável à medida que era preciso instruir os novos irmãos. Surgiram então as escolas monacais (nos mosteiros), em que se aprendiam o latim e as humanidades. Os melhores alunos coroavam a aprendizagem com o estudo da filosofia e da teologia [...]. Os mosteiros assumiram o monopólio da ciência, tornando-se o principal reduto da cultura medieval. Guardavam nas bibliotecas os tesouros da cultura greco-latina, traduziam obras para o latim, adaptavam algumas e reinterpretavam outras à luz do cristianismo. Monges, copistas, pacientemente, multiplicavam os textos clássicos. (Aranha, 2006, p. 106).

As bases do conhecimento teológico-filosófico na Alta Idade Média fincavam-se na Patrística – escola de padres cuja crença principal era a de que toda verdade só pode vir à tona através da fé e de que o acesso ao conhecimento somente advém sob a iluminação divina –, fundada pelos padres Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano e, sobretudo, Santo Agostinho, cujas ideias perduraram fértilmente do final do século III ao século XI d.C. É atribuída ao argelino Aurelius Augustinus (Santo Agostinho) a fundamentação racional do cristianismo aos moldes platônicos, cuja filosofia se adequava em parte ao cristianismo do contexto agostiniano (354-430 d.C.).

Ensino e catequese são categorias simbióticas nesse contexto, bem como obediência aos preceitos cristãos e aos mestres, membros do clero, resignação e humildade, para poder receber a revelação do desconhecido. A educação consiste no despertar do discente, pois, para Agostinho, o docente apenas mostra o caminho para

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

que do interior do educando o conhecimento aflore. O pensamento agostiniano fundamenta-se no idealismo de Platão (427-347 a.C.), perdurando hegemonicamente por cerca de oito séculos (V-XII) (Costa, 1993).

### **Baixa Idade Média: escolástica, urbanismo e educação**

No século XIII (contexto da Baixa Idade Média), surge a escolástica de Santo Anselmo (1033-1109); Santo Alberto Magno (1200-1280), denominado o Doutor Universal; São Tomás de Aquino (1224/5-1274), o Doutor Angélico; John Duns Scot (1266-1308), o Doutor Sutil; e Guilherme de Occam (1300-1350), o Doutor Invencível – cuja base é a possibilidade de haver diálogo entre saber e crença ou fé e razão. A escolástica geralmente é dividida em três contextos: o de formação (séculos IX ao XII); o de esplendor (1220 a 1347); e o de decadência (meados do século XIV ao final do século XV). Conforme Larroyo (apud Piletti et al., 2007, p. 85):

O termo ‘escolástica’ significou inicialmente o conjunto do saber, tal como era transmitido nas escolas do tipo clerical. O escolástico era o mestre das Sete Artes Liberais ou o chefe das escolas monásticas ou catedrais [...]. Mais tarde se deu o mesmo nome aos que escolarmente se dedicavam à Filosofia e à Teologia.

319

O pensamento escolástico teve como principal representante Tomás de Aquino, que enfatizava a interpretação do mundo real e a apreensão do conhecimento pelo raciocínio. O amplo sistema filosófico de Tomás de Aquino procura conciliar as bases do cristianismo com o realismo científico do grego Aristóteles (384-322 a.C.), segundo o qual a responsável pela compreensão e ordenação do mundo é a razão.

Nesse caso, existem dois tipos de conhecimento: o sensível (captado pelos órgãos sensoriais, entrando em contato direto com a realidade) e o intelectual (apreendido pela razão sobre a essência dos objetos da ciência pela dualidade entre ato e potência). Dessa forma, o pensamento tomista demonstra a inevitável necessidade da abertura da Igreja Católica cristã para as coisas do mundo e para a sua evolução (Costa, 1993).

Essa perspectiva tomista não deixa de ter tido influência islâmica e de outras partes do Oriente, que, desde o século VII, havia entrado em contato com muitas ideias aristotélicas, desenvolvendo as ciências em variadas áreas. Na Baixa Idade Média, destacam-se os filósofos árabes Avicena, Algazali e Averróis.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

De fato, a cultura medieval é um amálgama de elementos greco-romanos, germânicos e cristãos, sem nos esquecermos das civilizações de Bizâncio e do Islã, que fecundaram de forma brilhante a primeira fase da Idade Média. Enquanto no Ocidente os bárbaros dividiram o antigo império em diversos reinos, entrando em um período de retração econômica, social e cultural, aqueles povos do Oriente mantiveram uma cultura viva e efervescente. (Aranha, 2006, p. 101).

Em resumo e fazendo justiça ao nosso legado educacional, haja vista que fomos colonizados por um país ibérico cuja religião predominante era a Religião Católica, que deu formas culturais em todos os sentidos de sua consolidação, é cabível dizer que as nossas bases educacionais são oriundas das:

Escolas de catequização das igrejas, escolas claustrais monásticas, eis o gênero muito humilde e modesto donde saiu todo nosso sistema de ensino. Escolas elementares, universidades, colégios, tudo nos veio de lá; e eis por que de lá precisamos partir. E porque nossa organização escolar, em toda sua complexidade, derivou mesmo dessa célula primitiva é que ela também nos explica, e somente ela pode, alguns dos caracteres essenciais que têm apresentado ao longo de sua história ou manteve até os dias de hoje. (Durkheim, 1995, p. 30).

No período da Baixa Idade Média, são registradas inúmeras mudanças. Na esfera do poder político, a união estabelecida com o Império Romano do Oriente desde a divisão em 395 pelo Imperador Teodósio chega ao final. E, a partir do século XI, começa a formação das cidades, iniciando-se a expansão comercial. A movimentação social se torna mais intensa em busca de novas oportunidades para a vida. O intercâmbio com viajantes e feirantes das cidades orientais é necessário e inevitável. Com relação à educação, esta continua sob a direção do clero, porém com algumas diferenças, as quais foram se consolidando durante o desenvolvimento econômico do comércio, da demografia e das novas técnicas em geral.

A aprendizagem básica de primeiras letras e matemática podia então ser feita no espaço provinciano da própria família ou sob a responsabilidade do clero local, mas com relação ao antigo *trivium*, que consistia no ensino de gramática, retórica e lógica de médio e grande porte. Surgiram também as escolas de conteúdos voltados para o comércio, aparecendo, nos séculos XIII a XV, várias universidades e grandes pensadores no continente europeu, sempre voltados para as questões antropocêntricas, ou seja, com o ser humano no centro das ações.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

As universidades surgiram no século XIII, com o nome inicial de *studium generale*. Pelos fins do século XIV, esse nome foi substituído pelo de *universitas litterarum*. Supõe-se que a primeira universidade que consagrou professores e alunos organizados por seções nas quatro grandes divisões do conhecimento daquela época (Teologia, Direito, Medicina e Filosofia) tendo sido a de Nápoles, fundada em 1224. Outras universidades importantes: de Paris, Bolonha, Salerno, Oxford, Viena e Salamanca. Durante a Idade Média foi grande a influência da universidade. Ela forneceu o primeiro exemplo de organização puramente democrática. (Piletti et al., 2007, p. 89).

Com efeito, a partir do século XIII a educação não mais ficará na redoma das escolas paroquiais, episcopais e cenobiais do papado dirigidas pelos mestres clericais. Nas “[...] cidades organizadas em comunas e como expressão cultural mais característica e visivelmente nova das literaturas em vulgar” (Manacorda, 2006, p. 168), aparecem também, após o advento das universidades, os primeiros mestres livres. Esses novos “clérigos”, não mais com o significado de homens da igreja, mas com o de homens intelectuais, fomentam novas formas de interpretação do mundo e novos conteúdos em meio à produção da velha literatura em latim, visando atender às “[...] necessidades e [a]os interesses das novas classes emergentes [...]”. Estava sinalizado, com base na produção dessa nova literatura e na interpretação de mundo, o “[...] nascimento do mundo moderno” (Manacorda, 2006, p. 168).

Chegamos ao novo ou retornamos ao humanismo clássico. Esses novos mestres ensinam mercadores, que continuam mercadores, mas que almejam ser cultos.

Estes são os novos homens e esta é a sua formação. Estes são os contemporâneos de São Francisco, de Dante, de Petrarca, de Lorenzo Valla, de Leon Battista Alberti e outros [...]. Muitos progressos, sem dúvida, foram feitos em meio século: as escolas destes mestres se difundiram rapidamente [...]. Mudam também as formas de gestão da atividade escolar e da associação dos mestres. Nas grandes cidades – Florença, Gênova, Milão – estes mestres formam uma verdadeira corporação ou arte, idêntica às outras corporações de artes e ofícios e sem ligação com os *collegia doctorum* ou as *universitates* dos *sturdia generalia* [...]. Mestres autônomos, mestres com *proscholus*, mestres associados em ‘cooperativas’, mestres capitalistas que assalariam outro mestre, mestres pagos pelas corporações, mestres pagos pelas comunas: nesta variedade de relações jurídicas, estamos perante a escola de uma sociedade mercantil que, quase totalmente livre da ingerência da Igreja e do império, vende sua ciência, renova-a e revoluciona os métodos de ensino. (Manacorda, 2006, p. 172-174).

Esse é o desenho geral da educação a partir do século XIII d.C. na maior parte da Europa. Assim, apesar de ser taxada de período de trevas, com uma educação

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

conservadora, que criticava a educação liberal desenvolvida na Grécia e a pragmática desenvolvida em Roma, a Idade Medieval legou a Companhia de Jesus, as universidades nos moldes atuais e praticamente todo o modelo organizacional das escolas públicas e privadas existentes até hoje. O ensino da língua latina, da gramática, da filosofia, da lógica e da metafísica, por exemplo, também são legados medievais. Além do mais, provém da Idade Média o desenvolvimento: dos moinhos, da metalurgia, das primeiras Bíblias impressas (1454), dos conhecimentos farmacêuticos e botânicos, das inovações geométricas, da Física de Movimento, da invenção do leme e da bússola, da pavimentação das estradas, da chaminé doméstica, da vela, do círio e de tantas outras invenções técnicas, demonstrando um enorme progresso técnico em diversas áreas.

Ao fazer um balanço da educação na Idade Medieval, o sociólogo francês Durkeim (1995, p. 155) assim se expressa:

Em primeiro lugar, o que deve ser admitido sem reserva no período que acabamos de percorrer é sua admirável fecundidade em matéria de organização escolar. Nesse momento, com efeito, é que se constituiu, e quase partindo do zero, o organismo escolar mais poderoso e mais completo que a história tenha jamais conhecido. No lugar dessas modestas escolas das catedrais e abaciais que não podiam nunca abrigar senão um número restrito de alunos, sem laços umas com as outras, a constituição, num ponto determinado do continente europeu, de um amplo corpo docente, anônimo, impessoal, portanto, perpétuo, envolvendo centenas de mestres e milhares de estudantes, todos eles associados numa mesma obra e submetidos a uma mesma regra; a organização desse corpo de maneira que seja, tanto quanto possível, representativo de todas as disciplinas humanas; a criação, dentro desse mesmo sistema, de órgãos secundários que, sob o nome de Faculdades, correspondem às diferentes especialidades do saber; a fundação, em torno dessas escolas, de pensionatos, colégios, que servem de abrigo moral à juventude estudiosa; a instituição de graus que marcam a vida escolar e demarcam suas etapas; a instituição de exames que defendem o acesso a esses graus; a instituição, finalmente, de planos de estudos que fixam para o estudante os conhecimentos que deve adquirir durante cada uma dessas fases, e, para os mestres, as matérias a serem ensinadas: tais são as principais novidades que aparecem no espaço de dois ou três séculos [...]. Todas essas sucessivas criações são mesmo a própria obra original da Idade Média, dessa Idade Média. Nem a Antigüidade [*sic*] nem a época carolíngia ofereciam nada que pudesse servir-lhe de modelo. No entanto, embora essas instituições estejam estreitamente ligadas, por sua origem, às condições especiais da vida medieval, elas foram, nessa época, como que feitas de bronze, de maneira que se mantiveram até nós. É claro que não as entendemos como nossos ancestrais as entendiam; nós as animamos com outro espírito. Mas sua estrutura não se alterou sensivelmente. (Durkheim, 1995, p. 155-156).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

As palavras de Durkheim fazem parte de uma realidade facilmente constatada. Acrescentem-se aí as festas estudantis, as formaturas, os locais e os ritos formais, especialmente nas universidades e no sistema escolar contemporâneo. Esse é um legado medieval que perdura sem prognóstico de fim. A Idade Medieval, ao que parece, teve seu início, apogeu e decadência demarcados em razão apenas de se estabelecer um marco histórico. Como a História não é uma partitura desconexa, absorveu seu legado em muitos setores da vida na Idade Moderna e Contemporânea.

Desse modo, a demarcação, ou fato paradigmático, que permite a periodização do final da Idade Média está pautada no século XIV, o qual começa com dois longos anos de invernos torrenciais (1315-1317) arrasando as plantações dos campos e fazendo com que surgissem novas epidemias, como, por exemplo, a peste negra, que assolaram com um morticínio terrível a Europa. O sistema feudal apresentava seus últimos suspiros. Eram necessárias novas técnicas de produção, novas formas de pagamento aos camponeses e mão de obra especializada.

Destarte, o período medieval adentra o século XV com essa perspectiva de mudança geral para que o continente europeu ressurgja, o que finalmente ocorre com a necessidade da revolução comercial, a partir, sobretudo, da tomada da capital do Império Romano do Oriente, Constantinopla, em 1453, pelos turcos otomanos, ocorrendo concomitantemente o fim da Guerra dos mais de 100 anos entre Inglaterra e França.

Os dois períodos segundo os quais está dividida a Idade Medieval apresentam contrastes característicos acentuados: em termos políticos, descentralização *versus* centralização; em termos demográficos, prevalece o dilema entre ruralismo e “urbanismo”; em termos econômicos, o embate se dá entre agricultura e comércio; em termos culturais, existe uma fusão entre conquistados e conquistadores com a intermediação da Igreja Católica, que faz prevalecer o teocentrismo em detrimento do antropocentrismo; em termos sociais, a verificação contrastiva se dá entre sociedade estática e mobilizada (Lerner et al., 1989).

O medievalista Le Goff (2005, p. 159), com a devida propriedade que lhe é característica em assuntos medievais, resume os dois períodos medievos em senhoria e cidade e explica:

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Marc Bloch, Georges Duby e mais recentemente Dominique Barthelemy distinguiram duas idades tanto da feudalidade quanto da senhoria. A primeira idade feudal concerne essencialmente às camadas superiores da sociedade rural: os senhores e seus vassallos que no século XI de modo geral são os cavaleiros. O fim dessa evolução a partir do século XI engloba, ao reagrupá-los, todos os habitantes da senhoria onde o poder do senhor repousa sobre o direito de *ban*, quer dizer, do comando geral, nos domínios militar, econômico e jurídico. É a noção de *dominium*, a senhoria.

Desse modo, olhando e refletindo do alto da realidade atual e com os ensinamentos decorrentes dela, máxime de representantes da Nova História, através da Escola dos *Annales*, é possível assinalar que a sociedade tem seu compósito atual oriundo da Idade Média, ou “Idade dos Livros”, como já pronunciou assim Le Goff. É desta e nesta mesma Idade Média que as coisas tomam forma e passam a ser edificadas, como as cidades, a nação, as universidades, as máquinas, os livros, as vestimentas e as formas imateriais de consciência, revolução, convívio social, pensamento filosófico, teológico e educacional. Esse legado medieval é refletido em todos os aspectos das sociedades contemporâneas ocidentais (Le Goff, 1980, 2005).

### **Conclusão**

A Idade Média, assim como as demais periodizações históricas, também teve seu ponto paradigmático de chegada por um fato decisivo, que foi a tomada da cidade Constantinopla em 1453 pelos turcos otomanos. Porém, a História não comporta partituras desconexas. As causas da decadência da Idade Média foram várias e começaram desde os fins do século XI.

Referindo-se às muitas causas do fim da Idade Média, é racional ressaltar que se, por um lado, a população aumentava e os centros urbanos cresciam, por outro lado, a exploração desordenada e sem técnicas adequadas de cultivo do solo apresentava sinais de cansaço na produção de alimentos. Os conflitos entre o campo e a cidade cresciam. A procura por produtos alimentícios nos centros urbanos era maior do que a oferta. Foram criadas novas técnicas de cultivo da terra para atender à demanda, mas não o suficiente. A fome avassaladora, pestes, rebeliões e guerras começaram a corroer o velho continente, e o sistema de produção feudal passou a exigir profundas mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas, proporcionando o advento de uma nova era: a Idade Moderna.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Com efeito, ao iniciarmos esta escrita, elencamos como um dos objetivos ratificar a desmistificação de uma controversa convenção de que o longo período medieval, iniciado com a conquista do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., deve ser cognominado pejorativamente de “Idade das Trevas”. Ao contrário, conforme ficou amplamente debatido e demonstrado, as formas sistemáticas de escolas e universidades atuais têm suas raízes exatamente na Idade Média. Ao contrário de “mil anos de escuridão”, é na Idade Medieval que temos os mais sólidos espaços educacionais e argamassas culturais de que somos herdeiros. São também provenientes desse período as várias invenções tecnológicas utilizáveis tanto no campo como na cidade. Acrescente-se também que são legados da Idade Média as várias formas de convívio e funcionamento das instituições atuais, especialmente as educacionais.

### **Referências**

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.

CHÂTELET; François; DUHAMEL, Olivier; PSIER-KOCHNER, Evelyne. *História das idéias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

COSTA, José Silveira. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. Rio de Janeiro: Moderna, 1993.

DURKHEIM, Émile. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LE GOFF, Jacques. A Idade Média de Jacques Le Goff (entrevista). *L'Histoire*, n. 236, p. 80-86, 1999.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1980.

LERNER, Robert E.; MEACHAM, Standish. *História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*. 29. ed. São Paulo: Globo, 1989.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da Antigüidade aos nossos dias*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------



PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *Filosofia e história da educação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 310 - 326
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------